
Notas Bibliográficas

SOARES, Paulo Sérgio: *Iniciativa de Deus e co-responsabilidade humana: teologia da graça*. São Paulo: Paulinas, 2004. 151 pp. 20 X 13,5 cm. Col. Teologias Bíblicas, 3. ISBN 85-356-1299-8.

O terceiro volume da segunda série “Teologias bíblicas”, da coleção Bíblia em Comunidade, oferece-nos uma excelente introdução à teologia bíblica da graça. Na verdade, com este texto, o A. pretende corrigir certas distorções que foram sendo introduzidas em nossa maneira de entender a salvação. Como ele nos adverte na introdução, mais que o resultado de uma lógica retributiva, as Escrituras nos dizem que a salvação é uma experiência de “parceria entre Deus e nós” (p. 14). É esta experiência que ele busca resgatar, começando por uma análise das imagens da teologia da retribuição presentes na linguagem de muitos cristãos (cap. 1), que por sua vez são também recorrentes nos textos bíblicos (cap. 2). A verdadeira leitura do que dizem as Escrituras deve, porém, levar em conta a história processual da revelação. Segundo os dois Testamentos, a primazia da iniciativa pertence à graça divina, que exige, porém, daquele/a a quem ela se dirige uma resposta que o/a torna co-responsável pela própria salvação (cap. 3). A articulação destes dois elementos (iniciativa divina e resposta humana) recebeu no seio mesmo da história da salvação diferentes interpretações, umas mais determinadas pela teologia da retribuição, outras críticas desta mesma teologia. O A. propõe-nos uma leitura destas interpretações no Primeiro Testamento (cap. 4), mostrando-nos como as principais tradições que o compõem (deuteronomista, sapiencial, profética e apocalíptica) entenderam e criticaram a teologia da retribuição, apresentando também a leitura que o Segundo Testamento fez desta teologia (cap. 5). Com esta obra, o A. propõe um trabalho de “conversão” da perspectiva retribucionista, tão presente no imaginário e na linguagem de nossos contemporâneos. A forma didática, a escritura límpida e os conteúdos analisados conferem ao texto um acesso fácil, mostrando seu interesse pastoral e espiritual, como também sua seriedade científica.

GLM

BOFF, Clodovis: *O cotidiano de Maria de Nazaré*. São Paulo: Editora Salesiana, 2003. 120 pp. 23 X 16 cm.

Como um dos grandes nomes da teologia brasileira, Clodovis Boff não precisa de apresentação. Este pequeno livro tem intenção de “trazer Maria de volta, para o meio da ‘gente humilde’” (11), tornando acessível de forma narrativa o que, segundo as pesquisas históricas mais atuais, poderia ser o cotidiano de uma camponesa na Palestina do séc. I e, mais concretamente, na pequenina e insignificante Nazaré. O próprio A. está consciente de quão problemático é tal empreendimento: “Sem dúvida, nosso trabalho tem muito de reconstrução conjectural. Não podia ser dife-

rente" (10). O livro percorre primeiro o "ritmo normal do cotidiano", desde o despertar até o repouso noturno. Depois, descreve a vida nos tempos fortes da semana, do ano, da vida (a ida à sinagoga aos sábados, a peregrinação a Jerusalém na Páscoa, casamento, nascimento, enterro). Por fim, procurar perscrutar como Maria terá vivido interiormente seu cotidiano.

O livro é sumamente interessante, de fácil leitura, com copiosas ilustrações de Marta Cerqueira Leite, que bem merecem uma menção especial. Como se vê pela bibliografia, o A. procura levar a sério a pesquisa histórica atual sobre o judaísmo palestino da época. Há, no entanto, um senão: o uso pouco crítico dos apócrifos. Assim, bastante fora de propósito, cita mais amplamente uma das muitas "maldades" do menino Jesus narradas pelos apócrifos, bem como o puxão de orelha que José lhe dá (43-44). Localiza a casa de Joaquim e Ana (pais de Maria) "praticamente contígua ao Templo" (89), suposição feita a partir do *Proto-Evangelho de Tiago*. Para narrar a morte de José, lança mão do apócrifo *História do Carpinteiro José*, cujos traços claros de mentalidade helenística mostra quão longe esteja dos fatos – tais traços se encontram nas próprias citações feitas pelo A. É lamentável que um teólogo do gabarito de C. B. empregue os apócrifos desta forma tão acrítica, quando não faltam charlatões que parecem dar mais valor aos apócrifos que aos Evangelhos canônicos. É verdade que o A., ao mencionar por primeira vez textos apócrifos, matiza muito bem: "Trata-se, naturalmente, de construções imaginárias, mas que, além de seu sentido gnóstico-simbólico, revelam certo realismo histórico" (44). Talvez não se possa exigir mais do gênero literário escolhido por C. B.

FT

PATE, C. Marvin et alii. *The Story of Israel: a biblical theology*.
Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press; Leicester, Engl.: Apollos.
320p. 23 - 16cm. ISBN 0-8308-2748-X

Muitas vezes e de muitos modos os teólogos tentaram escrever sínteses de teologia bíblica; nestes últimos dias, foi a vez de um elenco de teólogos bíblicos ligados à Pruet School of Christian Studies, Ouachita Baptist University. O capítulo introdutório, muito didático, embora simplificador, evoca brevemente as tentativas anteriores, desde a obra de J.P. Gabler (1831) até autores recentes como R. Bultmann, G. von Rad, J. Jeremias e O. Cullmann. Percebe-se a ausência de literatura não traduzido em inglês, bem como de autores católicos. Com certa razão denuncia os esquemas demasiadamente ocidentais, conceptuais que presidem a essas teologias. Procura um eixo que seja realmente bíblico, nascido de Israel. Este eixo é: pecado - exílio - restauração. O pecado começa no Gênesis e a restauração se completa no Apocalipse. Toda a literatura bíblica, a deuterocanônica e extracanônica, é lida sob este ângulo. Creio que a tentativa é válida; o eixo escolhido é realmente fundamental e está presente em quase todos os livros, mas não deve ter pretensões de exclusividade para o mundo da literatura bíblica. Israel e os cristãos fizeram muito mais do que pecar e se deixar restaurar. A Bíblia não elabora uma teologia, mas é o espelho da vida multifacetada na qual se incrusta a experiência de Deus das comunidades.

JK